A ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA NO RAMO DO PETRÓLEO E A REDE URBANA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

THE PRODUCTION SPECIALISATION IN THE OIL INDUSTRY AND THE URBAN NETWORK IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO

LA SPÉCIALISATION DE LA PRODUCTION DANS L'INDUSTRIE PÉTROLIÈRE ET LE RÉSEAU URBAIN DANS L'ÉTAT DE RIO DE JANEIRO

SILVANA CRISTINA DA SILVA
Docente da Universidade Federal Fluminense – UFF/Campos dos Goytacazes
silvanasilva@id.uff.br

Resumo: A rede urbana é um tema clássico da Geografia Urbana, entretanto, isso não significou o esgotamento do tema, sobretudo porque o período da *globalização* trouxe novas possibilidades de circulação e de troca. Como parte desse processo, surgem e aprofundam-se especializações produtivas, que se expressam pela dinâmica da urbanização. O estado do Rio de Janeiro apresenta particularidades no processo de urbanização, dentre essas particularidades a extrema concentração da população e das atividades econômicas na capital e na Região Metropolitana. A implantação de etapas do *circuito espacial de produção do petróleo* no litoral fluminense vem apontando mudanças nos papéis de algumas cidades na rede urbana fluminense. Nesse sentido, objetiva-se neste artigo trazer reflexões sobre esses processos a partir da análise da especialização produtiva de Macaé e o papel de Campos dos Goytacazes na rede urbana do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Circuito espacial produtivo do petróleo, rede urbana, hierarquia urbana, Rio de Janeiro.

Abstract: The urban network is a classic topic in Urban Geography, however, this does not mean that the subject has been exhausted, especially because globalization brings new possibilities for movement and exchange. As part of this process, new production specializations are being created and developed, which are expressed in the dynamic or urbanization. The state of Rio de Janeiro has certain unique features in the urbanization process. Among these features is the extreme concentration of population and the economic activities in the Metropolitan Region. The implementation of the stages of the *oil production spatial circuit* in Rio de Janeiro points to the changing roles of some cities in the urban network in Rio. As such, the aim of this article is to reflect on these processes based on analyses of production specialization in Macae and the role of Campos dos Goytacazes in the urban network of Rio de Janeiro.

Keywords: Oil production spatial circuit, urban network, urban hierarchy, Rio de Janeiro.

Résumé: Le réseau urbain est un thème classique de la Géographie Urbaine, cela ne signifie pourtant pas qu'il en ai été fait le tour. D'autant plus que le contexte de la mondialisation a apporté de nouvelles possibilités de circulation et d'échange. Dans le cadre de ce processus, apparaissent et s'approfondissent des spécialisations productives, qui s'expriment par la dynamique de l'urbanisation. L'État de Rio de Janeiro présente des particularités dans son processus d'urbanisation, parmi celles-ci l'extrême concentration de la population et de l'activité économique dans la capitale et la Région Métropolitaine. La mise en place d'étapes du *circuit spacial de la production du pétrole* sur le littoral de Rio de Janeiro montre des évolutions dans le rôle de certaines villes du réseau urbain de l'État. En conséquence, l'objectif de cet article est d'apporter des réflexions sur ces processus à partir de l'analyse de la spécialisation productive de Macaé et le rôle de Campos dos Goytacazes dans le réseau urbain de Rio de Janeiro.

Mots-clés: Circuit spacial de l'industrie du pétrole, réseau urbain, hiérarchie urbaine, Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O circuito espacial produtivo do petróleo reorganizou a estrutura urbana interna das cidades e o papel dessas cidades na rede urbana do estado do Rio de Janeiro, especialmente do Norte Fluminense. Problemas históricos se renovam e outros surgem nesta região a partir do *circuito espacial produtivo do petróleo*, que gerou cidades altamente especializadas como Macaé e cidades que foram beneficiadas por volumosos repasses decorrentes das participações especiais e dos *royalties*.

O sistema urbano regional modificou-se profundamente após a instalação de materialidades da extração no Norte Fluminense, destacadamente com a chegada da Petrobrás em Macaé. Além disso, os repasses de *royalties* e participações especiais para os municípios da região também trouxeram uma nova lógica de funcionamento das cidades, como a cidade de Campos dos Goytacazes, a que mais recebe compensações financeiras em função da economia do petróleo, embora, não seja o local de concentração da produção.

Outrossim, a cidade do Rio de Janeiro ampliou a sua centralidade como produtora de informação para o circuito do petróleo. Assim, verifica-se que a reestruturação urbana atingiu o sistema urbano de forma distinta, em função da divisão territorial do trabalho, em que o circuito produtivo do petróleo, bem como seu respectivo *círculo de cooperação*, foi central nesse processo.

Considerando essas transformações, apresentamos neste artigo algumas reflexões sobre as mudanças na rede urbana e, consequentemente na hierarquia urbana do Norte Fluminense, motivadas pelo circuito espacial de produção do petróleo em período recente. Dessa forma, o artigo está organizado em três momentos: 1. A formação regional do Norte Fluminense: as elites da cana e do petróleo, em que indicamos os principais processos históricos territoriais

da região; 2. A especialização produtiva e a rede urbana; destacamos que a presença de determinadas etapas dos circuitos produtivos contribui para a formação ou renovação das centralidades urbanas e 3. Campos dos Goytacazes e Macaé na rede urbana do Rio de Janeiro, em que analisamos as centralidades de Campos dos Goytacazes e Macaé, a partir do circuito produtivo petrolífero e finalizamos com alguns apontamentos sobre a urbanização do estado do Rio de Janeiro, destacando alguns problemas históricos como a atuação das elites políticas e o surgimento de novas questões frente ao processo de *globalização*, como a presença maciça das corporações globais do ramo petrolífero em Macaé e a vulnerabilidade dessa especialização.

A FORMAÇÃO REGIONAL DO NORTE FLUMINENSE: AS ELITES DA CANA E DO PETRÓLEO.

Como já abordaram alguns autores como Piquet (2010), Crespo (2010), CRUZ (2003) destacamos que a Região Norte Fluminense[1], onde hoje há uma enorme concentração das materialidades do *circuito produtivo do petróleo*, especialmente ligadas à etapa da extração, é uma área de ocupação antiga em que a agropecuária, a pesca e o artesanato fizeram parte da história de formação territorial da região. A monocultura da cana de açúcar nos séculos XVIII até o século XX teve a capacidade de macro organizar o território Norte Fluminense. Fazendeiros e grupos de proprietários de usinas destacaram-se na economia política da região.

Conforme aponta Deffontaines (1944), as *reduções* foram em grande parte responsáveis pela formação de povoados e dos primeiros núcleos urbanos no Brasil, e localizavam-se em grande parte na região litorânea, mas também foram criados no interior do Brasil em função da proposta das ordens religiosas de catequizar os índios. Ainda hoje há resquícios no Norte Fluminense da arquitetura colonial, como o Solar do Colégio, atualmente restaurado e onde funciona o arquivo público de Campos dos Goytacazes. Entretanto, aos poucos a economia e a dinâmica das cidades da região foram sendo reorganizadas, primeiro com a forte importância da cana e mais recentemente, com os grandes projetos portuários como o Mega Porto do Açu e a instalação da produção de petróleo na região definitivamente vêm transformando a *vida de relações* dessas cidades.

Entretanto, Cruz (2006, p. 40) ressalta que o Norte Fluminense passa a figurar como *região-problema* após a decadência da economia cafeeira e redução da diversidade das atividades econômicas. Até então, a região apresentava certa diversidade na produção econômica com o café, o açúcar, a cerâmica, produção de doces, mobiliário e indústrias têxteis, barcos e aguardente. É no século XVII que a cana e agropecuária tornam-se a base da economia da região, sendo fundadas as vilas de São Salvador em 1677, atual cidade de Campos dos Goytacazes, e São João da Barra também em 1677. Macaé tem sua fundação como vila em 1615.

[1] O Norte Fluminense é uma das Regiões de Governo do estado do Rio de Janeiro e compreende os municípios de Campos dos Goytacazes, São João da Barra, Macaé, São Fidélis, Conceição de Macabu, Cardoso Moreira, Quissamã, Carapebus e São Francisco do Itabapoana. Para detalhes sobre as Regiões de Governo do estado do Rio de Janeiro, consultar o site do CEPERJ - Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro. Disponível em < http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info_territorios/Reg%20Gov_2013.pdf> Acesso em 15 de janeiro de 2016.

Cruz (2006) destaca que a monopolização da economia pelas elites da cana – composta por fazendeiro, usineiros, que quase sempre ocupavam cargos políticos na prefeitura –, bem como, em parte pela pecuária, drenou os recursos para esses grupos e também para o município de Campos dos Goytacazes. O que gerou uma região muito pobre do ponto de vista das condições socioespaciais. Identifica-se assim, alguns dos elementos da pobreza atual dessa região que foi posteriormente atualizada sob as condições do período *técnico-científico-informacional* (SANTOS, 2002).

No século XX, o último fôlego da cana de açúcar no Norte Fluminense, ocorreu com o primeiro "choque do Petróleo", em que houve estratégias políticas do Estado brasileiro em investir em outras formas de energia, como o etanol. A política de Estado denominada Proálcool (Programa Nacional do Álcool) reorganizou a produção nacional, sendo que os empresários paulistas de alguma forma se sobressaíram nesse processo e houve posteriormente a redução da produção de etanol no Rio de Janeiro e a expansão da produção no estado de São Paulo (PIQUET, 2010; CRUZ, 2003 e 2006). Essa nova produção, que se desloca territorialmente é mais racionalizada e modernizada para os padrões da produtividade capitalista. Campos dos Goytacazes e Macaé, municípios que concentravam a produção de cana passam por um processo intenso de deterioração da economia canavieira.

Na década de 1970, o Norte Fluminense apresentava vinte e sete usinas em operação. Em 1980, nove usinas são desativadas e em 1990 mais sete são paralisadas. Em 2013, restam três usinas em funcionamento: a COAGRO (Cooperativa Agroindustrial do Estado do Rio de Janeiro), a Paraíso e a Canabrava, todas localizadas em Campos dos Goytacazes, conforme pesquisa de Becker (2014), sendo que a Usina Paraíso encontra-se em processo de recuperação judicial.

O Norte Fluminense figurou como um *lugar luminoso* do território brasileiro no auge do setor sucroalcooleiro, entretanto, como apontou Bernardes (2014), de um crescimento da produção a partir da ampliação da área plantada na década de 1970, o Norte Fluminense passa a reduzir a área plantada na década de 1990, bem como a quantidade produzida. Houve um leve aumento da produtividade em 2010. Entretanto, Bernardes (2014) destaca que a mudança da base produtiva do setor não ocorreu de forma estrutural, ou seja, a modernização ocorreu nas usinas de forma parcial e essas eram descapitalizadas. A produção no campo continuou com métodos arcaicos, a mão de obra de baixa qualificação e com relações de trabalho não modernizadas. O que foi agravado em período recente com a entrada de grandes projetos como do Porto do Açú, Complexo Portuário Barra do Furado e também a economia do petróleo, que passam a absorver mão de obra, sobretudo na construção civil no caso dos dois primeiros projetos.

Também houve uma transformação recente nas elites proprietárias de terras que passaram a atuar no mercado de terras urbanas, com a expansão da urbanização e crise da atividade sucroalcooleira. A estrutura fundiária concentrada acarretou em dificuldades de acesso à terra no campo e na cidade. O Norte Fluminense tem forte atuação do Movimento do Trabalhadores Sem Terra, que significou a implantação de dez assentamentos. No entanto,

os conflitos são intensos entre os detentores de terras e os trabalhadores rurais. As elites proprietárias de terras passaram a atuar na conversão das terras rurais em urbanas. Isso fica evidente no caso da antiga Usina de Queimados, que atua na criação de loteamentos de alto padrão com as antigas terras utilizadas na produção de cana em Campos dos Goytacazes, conforme apontou Gomes (2013).

Na década de 1970 houve um intenso êxodo rural ocorrido no território brasileiro, mas que na região foi motivado pela decadência da economia da cana. A formação de bairros pobres e de favelas nas cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes foram intensificados na década de 1980 quando a população do campo perde seus empregos e vai para as cidades.

A mudança da economia do açúcar e da pecuária para economia do petróleo transforma a dinâmica urbana da cidade de Macaé, inclusive o preço do solo urbano indica o aprofundamento das desigualdades socioespaciais (GOMES, 2013). Macaé agora é conhecida como "A Capital Nacional do Petróleo" por abrigar uma imensa densidade de empresas, sistemas de transporte (dutos), porto e aeroporto que atendem o circuito espacial de produção do petróleo, especialmente a etapa da extração, além de abrigar o Porto de Imbetiba e a grande parte da infraestrutura de embarque e desembarque da Bacia de Campos.

A chegada da economia do petróleo por um lado, trouxe para alguns municípios a infraestrutura da indústria do Petróleo e; por outro lado, trouxe os recursos decorrentes dos *royalties* e participações especiais. Macaé foi o município que mais recebeu materialidades das etapas da extração do petróleo, além de recursos consideráveis. Entretanto, é Campos dos Goytacazes recebe as compensações financeiras mais volumosas, apesar de não ser um centro de operações da Bacia de Campos. A especialização produtiva, e mesmo a geração de recursos, geraram distintas centralidades na rede urbana do Rio de Janeiro em função do ramo do petróleo.

A ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA E A REDE URBANA

A rede urbana do estado do Rio de Janeiro caracteriza-se historicamente pela enorme centralidade da metrópole carioca, em função da concentração da população e das atividades econômicas, mas também, pelo seu passado como centro político.

> Um perfil de concentração de população e de atividades que caracterizou a cidade do Rio de Janeiro desde o passado colonial, quando foi constituída em posto avançado da metrópole ultramarina, no Atlântico Sul; esse perfil avançou ao longo do tempo, alcançando auges com o papel de capital do país, a função portuária e, mais tarde, com a posição metropolitana. Desenvolveu-se, assim, um tipo de dominação sobre o território estadual, certamente, ímpar na federação brasileira (DANIDOVICH, 2001, p. 69).

Santos et *all* (2011) destacam que o Rio de Janeiro sofreu significativa estagnação econômica nas décadas de 1980 e 1990, retomando o crescimento no final dessa última. Porém, os autores sublinham que algumas cidades tornaram-se centrais, bem como alguns ramos de atividade, dos quais destacam a atividade petrolífera no litoral, Macaé como pólo

da extração e Campos dos Goytacazes como centro formador de mão de obra. Entretanto, essa renovação das atividades petrolíferas teve desdobramentos nos setores metal-mecânico e naval. Daí Volta Redonda e Barra Mansa foram cidades dinamizadas pelos setores de metalurgia mecânica e Niterói, São Gonçalo e Angra dos Reis pela indústria naval. As regiões Noroeste Fluminense e Centro-sul foram as menos dinâmicas do território fluminense. Mesmo a capital do estado, a partir da lógica de atração de mega-eventos, teve sua dinâmica urbana alteradas, bem como o circuito produtivo do petróleo vem reestruturando a centralidade urbana da capital carioca em função do abrigo de escritórios de empresas globais e de instituições públicas, além da formação de centros de pesquisa.

Definir os papéis de uma cidade no contexto regional e nacional e mesmo global no período atual não é tarefa trivial, pois com as novas tecnologias da comunicação e do transporte modificam as relações entre as cidades, a economia urbana e a economia do território tornam-se mais complexas em função das trocas e especializações.

A passagem do sistema fordista de produção ao sistema flexível, traz transformações significativas nos sistemas produtivos, econômicos, culturais e territoriais, sendo as cidades reveladoras dessas transformações.

A condição das *formações socioespaciais* (1977) também definem a forma como a urbanização ocorreu nos diferentes territórios. A urbanização dos países periféricos para Santos (2004) não ocorreu como um espelho da urbanização dos países de primeiro mundo. Isso traz uma questão central para o debato, pois, as cidades revelam o papel de cada *formação socioespacial* na divisão internacional do trabalho e a rede urbana apresenta características próprias. E a denominada reestruturação produtiva se desdobra em reestruturação urbana e com características regionais particulares.

A abordagem sobre o papel das cidades na rede urbana exige a criação de mecanismos de captação dessa nova realidade, pois a hierarquia urbana perdura, entretanto, como afirmou Santos (1994), não se apresenta apenas de forma piramidal e hierárquica como antes. Por isso, novas categorias analíticas surgem para a compreensão da dinâmica da urbanização e das cidades, como o *circuito espacial de produção* e o seu respectivo *círculo de cooperação* (BARRIOS, 1980; SANTOS, 1986; MORAES, 1991) que permitem situar os lugares e as cidades, frente às dinâmicas produtivas em uma perspectiva multiescalar.

O circuito espacial de produção diz respeito às etapas que a matéria-prima passa até completar o seu ciclo produtivo, ou seja, Barrios (1980) o define como a produção propriamente dita, a distribuição, a troca e o consumo final. Entretanto, não se tratam apenas de etapas técnicas, pois o espaço importa nesse processo, não como uma *externalidade*, mas sim como elemento do sistema produtivo. Dessa forma, os circuitos produtivos expressam relações sociais, culturais e políticas, cujos faces se revelam pela estrutura interna das cidades e a constituição de uma rede urbana que corresponde ao entrecruzamento desses circuitos. Os círculos de cooperação indicam os fluxos imateriais gerados pelo circuito espacial produtivo, ordens, informações e ideias, que formam outras centralidades na rede urbana,

cuja correspondência não é a mesma das materialidades da produção propriamente dita. Fica evidente que a centralidade é constituída por fixos, em parte proveniente das etapas dos diversos circuitos espaciais de produção, que geram fluxos, cuja centralidade do comando corresponde aos círculos de cooperação. O que induz a compreender a centralidade e a rede urbanas em função das especializações dos lugares nas diversas etapas dos circuitos produtivos.

Conforme Hill e Feagin (2006), a posição econômica de uma cidade é decisiva para as implicações do desenvolvimento socioespacial interno a ela. Examinando as cidades de Detroit e Houston – a primeira especializada na indústria automobilística e teve uma política estatal muito presente na construção dessa especialização; a segunda, especializada na índustria petroquímica, com uma política baseada no *laissez-faire* – ambas passaram por situações de decadência econômica nos anos de 1980, pois elas são localizações espaciais em um sistema de produção e trocas global interdependente. Assim, Hill e Feagin (2006), sublinham que as cidades passam a ocupar um novo papel na divisão internacional do trabalho, pois as cidades articulam-se com um ponto nodal capitalista mundial. Houston passa a ter uma centralidade produtiva, destacadamente porque tornou-se produtora de informação do circuito espacial produtivo do petróleo, até ser considerada uma cidade global, conforme Rodriguez e Feagin (2006). A Tabela 01 mostra as principais empresas que produzem equipamentos e executam serviços para a extração em Macaé, são grandes monopólios do conhecimento no ramo que têm a centralidade do círculo de cooperação em Houston nos Estados Unidos. Em geral, essas corporações instalam-se nos países de extração e produzem tecnologias adaptativas, mas o centro do poder que comandam a produção é longínquo. Macaé, é considerada "a capital nacional do petróleo", porém a "capital mundial do petróleo" é Houston e mesmo no território brasileiro, é a cidade do Rio de Janeiro que comanda a organização das etapas da produção do petróleo.

Tabela 01: Principais corporações do petróleo no ramo dos serviços e equipamentos - 2014

Corporações	Fundação	País de Origem	Sede atual
Schlumberger	1919	França	Houston (EUA)
Smith International	1937	Estados Unidos	Houston (EUA)
Halliburton	1920	Estados Unidos	Houston (EUA)
Baker Hughes	1987	Estados Unidos	Houston (EUA)
Weatherford	1948	Estados Unidos	Houston (EUA)
Transocean	1926	Estados Unidos	Houston (EUA)

Fonte: Dados das empresas; Organização Silvana Cristina da Silva, 2016.

O Rio de Janeiro destaca-se como uma "cidade da produção de informação" na escala nacional no circuito espacial de produção do petróleo, ou seja, parte das pesquisas e parte das ordens são geradas nos escritórios e laboratórios de pesquisas das empresas e das universidades, que estão localizadas na cidade do Rio de Janeiro, ou são organizadas por ela, conforme apontado em SILVA (2015). O que nos coloca a evidencia da globalização

distinta dos espaços e das regiões, que podem ser captadas pela rede urbana.

CAMPOS DOS GOYTACAZES E MACAÉ NA REDE URBANA DO RIO DE JANEIRO

Macaé, por ter se tornado centro das operações da extração de petróleo da Bacia de Campos, especializa-se territorialmente neste ramo. Há uma enorme concentração de indústrias, corporações, equipamentos de logística e serviços para atender essas atividades. Além da presença de mão de obra associada ao circuito petrolífero. A especialização produtiva é um elemento importante na construção do papel das cidades na rede urbana. Macaé, passou a atrair mais população e investimentos que Campos dos Goytacazes, que historicamente polarizou os fluxos na região Norte Fluminense e pode ser considerada uma *cidade média* (SPOSITO, 2001) dentro da rede urbana do estado do Rio de Janeiro.

Corrêa (2006), destaca as articulações entre o tamanho demográfico, funções urbanas e organização do seu espaço interurbano para a definição de cidades médias. O tamanho demográfico[2] irá indicar o tamanho do mercado e as possibilidades do exercício das funções urbanas, articuladas com o contexto regional. Ainda acrescenta Corrêa (2006), que quanto maior o tamanho demográfico, maior a fragmentação, as especializações e as distâncias entre os centros urbanos e a periferias. Entretanto, ressalta que a definição de cidades médias caracteriza-se por um tipo específico de articulação entre o tamanho populacional, as funções urbanas dentro de uma divisão territorial do trabalho e a organização do espaço interurbano.

Outro elemento que compõe a formação de uma cidade média para Corrêa (2006) é a presença de uma elite empreendedora, capaz de gerar interesses locais e regionais, competindo com grandes cidades. Outro aspecto na definição de cidade média é a centralidade com relação à presença de meios de circulação, sejam de pessoas ou de informações. Nesse sentido, a presença de vias de transporte e redes comunicacionais são fundamentais para a geração de cidades médias, pois essas redes vão projetar a capacidade de atrair fluxos para o comércio e serviços.

Sposito (2001) destaca:

> [...] a classificação delas [cidades médias], pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas, tendo o consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediários dessas cidades" (SPOSITO, p. 635-636).

[2] O autor ainda ressalta que a questão do tamanho demográfico diz respeito a escala do território nacional, de que formações sócioespaciais estão inseridos, por isso o tamanho é relativo. Além disso, a escala temporal é igualmente importante, pois a situação de *cidade média* pode ser transitória se considerarmos a velocidade da urbanização, sobretudo após a década de 1970.

As elites locais, sobretudo concentradas em Campos dos Goytacazes, têm a capacidade de produzir e comandar interações espaciais, a elite que surge da monocultura de cana é importante na geração de funções especializadas na cidade, do qual destaca-se as atividades de ensino e os serviços médicos.

A *situação geográfica* de Campos dos Goytacazes indica que ela exerceu o papel de cidade regional em função da centralidade adquirida com monocultura da cana. A presença de uma elite que criou problemáticas regionais e drenou recursos para as atividades agrícolas e também para desenvolvimento dos setores de comércio e serviços. A rede de transporte, especialmente a BR-101, que conecta Campos dos Goytacazes ao Rio de Janeiro e também a Vitória[3] gerou uma centralidade significativa para a cidade, uma vez que ocupa um papel polarizador de fluxos de pessoas, ficando entre áreas não polarizadas diretamente pelas metrópoles de capixaba e carioca. No entanto, essa centralidade construída vai sendo modificada com o circuito espacial do petróleo, que vem trazendo uma nova realidade regional, do ponto de vista da hierarquia urbana. Reforçando um papel de cidade média de Campos dos Goytacazes, mas também gera uma nova centralidade para Macaé, que passa a atrair fluxos em função de ter se tonado nódulo do circuito de produção, abrigando a etapa da extração do petróleo no Brasil, onde grande parte das materialidades desse circuito produtivo se instalou e gerou uma especialização funcional do município. Macaé passa então a atrair mais fluxos populacionais que Campos dos Goytacazes, embora essa última destaca-se pela maior população do interior do Rio de Janeiro, fora da Região Metropolitana e que também teve crescimento populacional em período recente (Tabela 02).

Tabela 02: Evolução da População na Região Norte Fluminense (1970-2014)

Município	1970	1980	1991	2000	2010	2014
Campos dos Goytacazes	318.806	348.542	389.109	406.989	463.545	480.648
Carapebus	-	-	-	8.666	13.348	14.713
Cardoso Moreira	-	-	-	12.595	12.540	12.578
Conceição de Macabu	11.560	13.624	16.963	18.782	21.200	22.006
Macaé	65.318	75.863	100.895	132.461	206.748	229.624
Quissamã	-	-	10.467	13.674	20.244	22.261
São Fidélis	35.143	34.973	34.581	36.789	37.553	37.710
São Francisco de Itabapoana	-	-	-	41.145	41.357	41.343
São João da Barra	55.619	54.588	59.561	27.682	32.767	34.273
Estado do Rio de Janeiro	8.994.802	11.291.631	12.807.706	14.391.282	15.989.929	16.461.173

Fonte: Censos Demográficos do IBGE; Organização da autora.

Destaca-se que Campos têm atualmente 90% de sua população vivendo na área urbana e Macaé cerca de 98%. A taxa de crescimento populacional destacou-se em Macaé, pois quase dobrou sua população de 2000 para 2010. Campos dos Goytacazes é a maior cidade do interior do Rio de Janeiro em termos populacionais.

[3] A distância entre Campos dos Goytacazes e Rio de Janeiro é de aproximadamente 280 Km e de Campos dos Goytacazes e Vitória de 240 km.

O papel regional de Campos dos Goytacazes, extrapola os limites político-administrativos do Estado do Rio de Janeiro, abrange parte do sul do Espírito Santo e sudeste de Minas Gerais. A presença, sobretudo da BR-101, que liga o Sul do país com o Nordeste, que passa por Campos, tem papel fundamental na circulação de mercadorias e pessoas. A rede rodoviária regional também auxilia na capilaridade de Campos e na construção de uma influência regional. Entretanto, sublinha-se que o oferecimento de serviços de saúde e educação são elementos fundamentais na conformação do papel regional da cidade. A Tabela 02 traz alguns indicativos da conformação do papel regional de Campos dos Goytacazes e Macaé, sob o ponto de vista dos estabelecimentos de saúde e os equipamentos para exames médicos.

Tabela 02: Estabelecimentos de Saúde e Equipamentos Médicos – Municípios do estado do Rio de Janeiro (2009)

Município	Estabelecimentos de Saúde			Equipamentos Médicos			
	Público	Privado	Total	Hemodiálise	Mamógrafos	Tomógrafos	Raio X
Rio de Janeiro	189	1898	2087	1066	279	205	1157
Niterói	70	280	350	156	30	19	100
São Gonçalo	137	191	328	95	29	16	76
Nova Iguaçu	64	178	242	15	18	7	87
Volta Redonda	70	130	200	39	17	12	50
Duque de Caxias	60	134	194	99	18	6	59
Campos dos Goytacazes	88	88	176	45	15	13	50
Macaé	58	114	172	32	9	14	31
Petrópolis	55	80	135	49	12	9	52
Barra Mansa	62	59	121	20	5	5	23
São João de Meriti	17	85	102	34	8	5	36
Resende	40	56	96	9	5	1	27
Magé	69	25	94	32	6	2	15
Itaboraí	50	34	84	49	3	1	15
Angra dos Reis	51	29	80	40	2	3	16
Belford Roxo	41	36	77	95	1	0	18
Cabo Frio	37	39	76	34	5	6	24
Teresópolis	31	44	75	15	4	3	20
Nova Friburgo	27	47	74	65	5	2	31
Três Rios	28	30	58	31	2	1	12
Nilópolis	11	43	54	27	5	4	18
Valença	36	18	54	33	2	2	23
Barra do Piraí	32	21	53	33	5	2	10
Araruama	22	30	52	3	3	3	18
Itaperuna	27	25	52	34	3	4	13
Itaguaí	25	26	51	0	4	1	15

Município	Estabelecimentos de Saúde			Equipamentos Médicos			
	Público	Privado	Total	Hemodiálise	Mamógrafos	Tomógrafos	Raio X
Rio Bonito	26	19	45	29	1	2	6
Bom Jesus do Itabapoana	28	12	40	10	1	0	1
Maricá	21	18	39	0	1	1	4
Rio das Ostras	18	21	39	0	3	2	10
Paraíba do Sul	29	9	38	0	2	0	4
Paraty	33	5	38	0	0	0	2
Cantagalo	22	15	37	0	0	0	4
Saquarema	19	17	36	0	2	0	6
Cachoeiras de Macacu	29	5	34	0	0	0	4
São Pedro da Aldeia	23	10	33	0	2	0	4
Santo Antônio de Pádua	17	14	31	21	2	2	9
Seropédica	23	8	31	0	2	0	6
Paracambi	22	8	30	25	2	0	6
São Francisco de Itabapoana	26	2	28	0	1	0	3
Vassouras	20	8	28	12	1	1	12
Miguel Pereira	19	7	26	0	0	0	2
São Fidélis	18	6	24	0	5	0	5
Cordeiro	9	14	23	0	2	1	4
Mesquita	16	7	23	1	0	1	4
Piraí	19	3	22	0	0	0	4
Queimados	9	13	22	0	3	1	12
Quissamã	19	3	22	0	0	1	2
Armação dos Búzios	14	7	21	0	0	0	7
Casimiro de Abreu	14	7	21	0	0	0	5
Carmo	13	7	20	0	0	0	2
Silva Jardim	18	2	20	0	0	0	1
Mendes	16	3	19	0	0	0	1
Porto Real	15	4	19	0	0	0	2
Rio Claro	18	1	19	0	0	0	2
Iguaba Grande	11	7	18	0	1	1	3
Itaocara	11	7	18	0	1	2	7
Japeri	12	6	18	0	0	0	2
Miracema	9	9	18	0	0	0	7
Paty do Alferes	15	3	18	0	0	0	1
Sapucaia	14	4	18	0	0	0	2

Município	Estabelecimentos de Saúde			Equipamentos Médicos			
	Público	Privado	Total	Hemodiálise	Mamógrafos	Tomógrafos	Raio X
Itatiaia	10	7	17	0	1	0	3
Porciúncula	14	3	17	0	0	0	4
Arraial do Cabo	11	5	16	0	0	0	2
Bom Jardim	11	5	16	0	0	0	3
Conceição de Macabu	12	4	16	0	0	0	1
Guapimirim	10	6	16	0	0	0	4
Mangaratiba	16	0	16	0	1	0	2
Pinheiral	12	4	16	0	0	0	4
Santa Maria Madalena	14	2	16	0	0	0	2
Quatis	12	3	15	0	0	0	1
São José do Vale do Rio Preto	11	4	15	0	1	0	1
Sumidouro	14	1	15	0	0	0	2
Italva	12	2	14	0	0	0	3
Areal	10	3	13	0	0	0	1
Cardoso Moreira	11	2	13	0	0	0	2
Rio das Flores	12	1	13	0	0	0	2
Engenheiro Paulo de Frontin	11	1	12	0	0	0	1
Natividade	10	2	12	0	0	0	3
São João da Barra	9	3	12	0	0	0	1
Aperibé	8	3	11	0	0	0	1
Trajano de Moraes	11	0	11	0	0	1	4
Carapebus	9	1	10	0	2	0	2
Comendador Levy Gasparian	10	0	10	0	0	0	0
Duas Barras	10	0	10	0	0	0	0
Tanguá	8	2	10	0	0	0	1
Cambuci	6	2	8	0	0	0	2
Laje do Muriaé	8	0	8	0	0	0	1
São Sebastião do Alto	7	1	8	0	0	1	3
Macuco	6	1	7	0	0	0	0
São José de Ubá	5	1	6	0	0	0	0
Varre-Sai	4	1	5	0	0	0	0
Total	2356	4101	6457	2248	532	363	2208

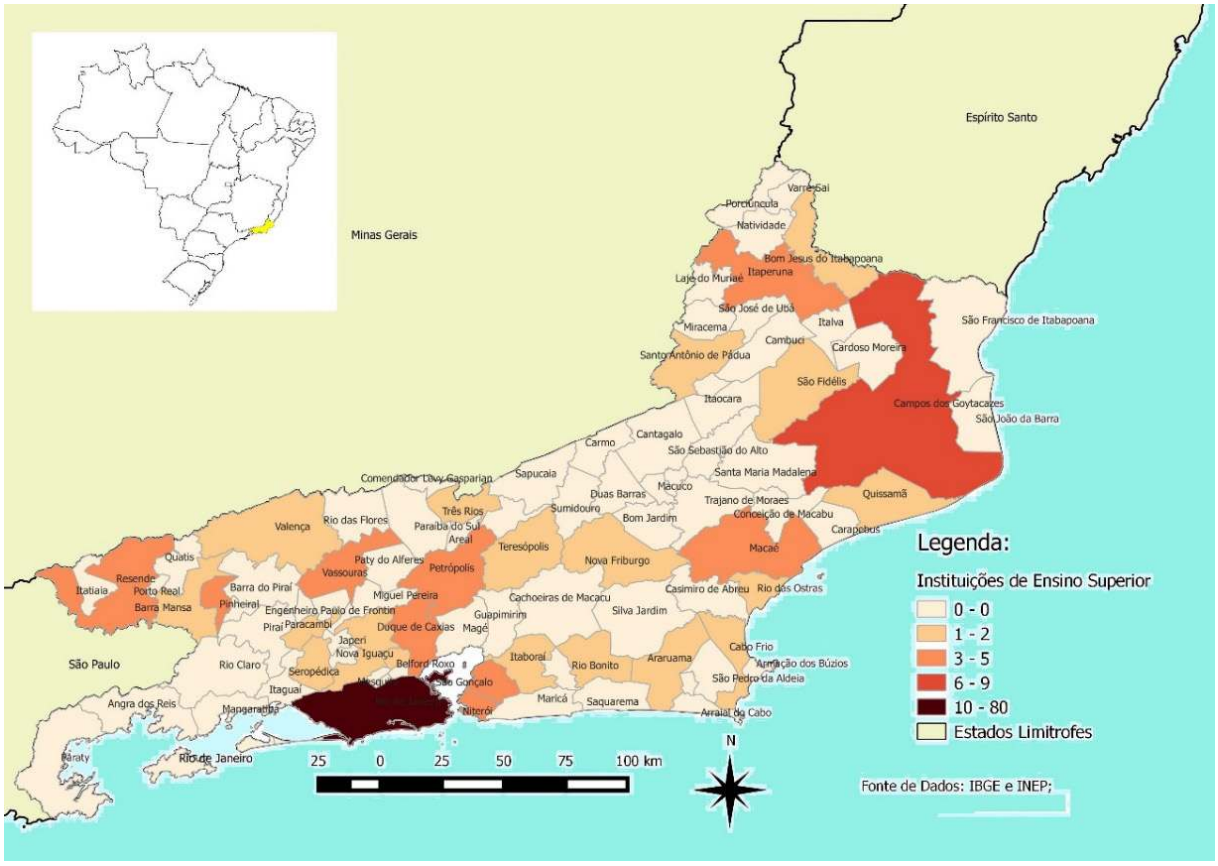
Fonte: Extraído de IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Organização da autora, 2015.

Vale destacar que Campos apresenta o maior número de estabelecimentos públicos de saúde do Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro. Macaé tem alta concentração de estabelecimentos, entretanto, a rede de estabelecimentos de saúde privada sobressai-se.

Com relação a alguns equipamentos médicos para exames e tratamentos, novamente Campos e Macaé se destacam, sendo Campos em primeiro do ponto de vista dos números absolutos e Macaé em termos relativos à sua população. Esses são alguns parâmetros para indicar a centralidade das cidades no Norte Fluminense, especialmente de Campos do ponto de vista de uma hierarquia urbana gerado historicamente e que atrai fluxos no período atual.

A presença de Universidade, Faculdades e Centros de formação de nível superior colocam Campos dos Goytacazes como uma cidade que atrai grandes fluxos de população regional, que utilizam a rede de ensino de superior das cidades (Mapa 01). No estado do Rio de Janeiro são 141 Instituições do Ensino Superior (Públicas e Privadas), sendo 78 no Rio de Janeiro e 63 no interior do estado. Campos dos Goytacazes possui nove Instituições de Ensino Superior (IES), é a segunda cidade do estado com relação à presença de IES. Macaé aparece com três IES.

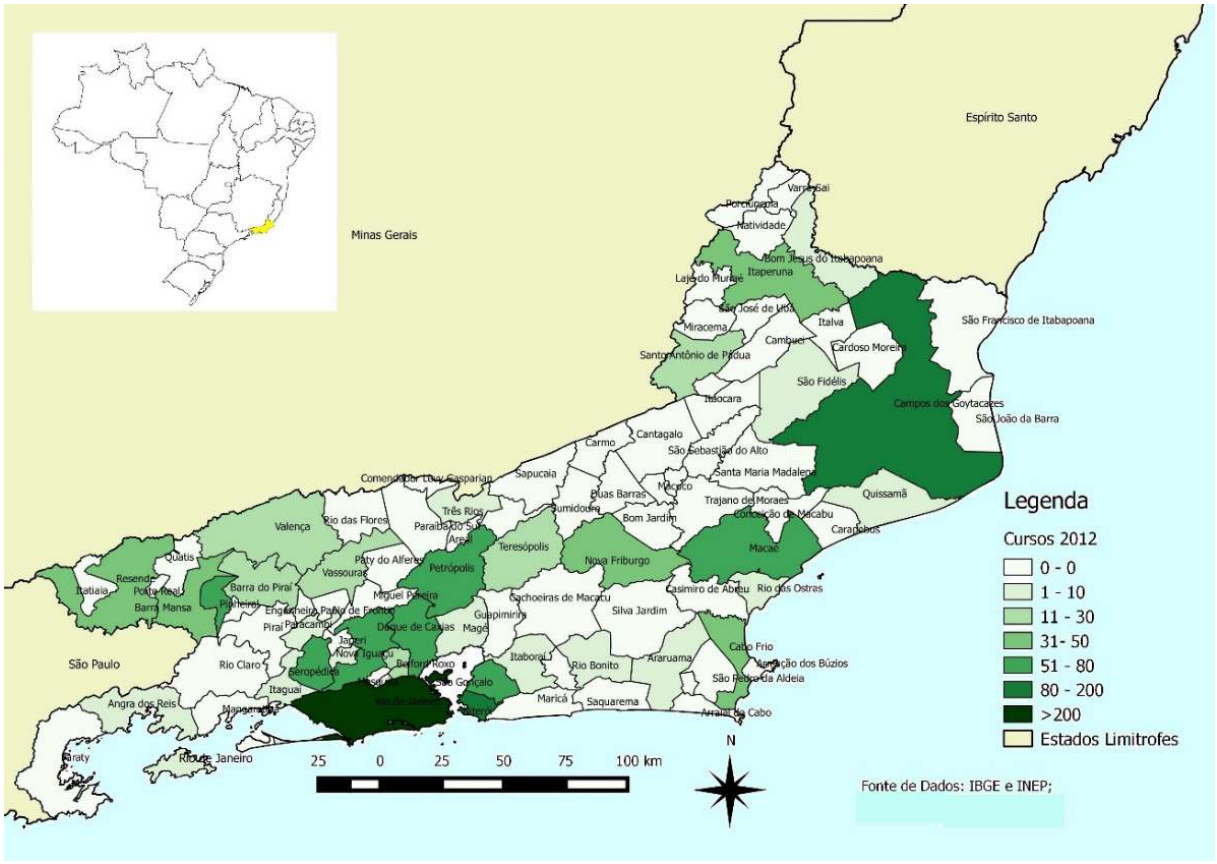
Mapa 01: Instituições do Ensino Superior (Públicas e Privadas) no estado do Rio de Janeiro - 2012



Fonte: Dados: IBGE e INEP; Elaboração da autora, 2015.

Com relação ao número de cursos de nível superior, Campos também se destaca com 127 cursos, ficando em terceiro lugar no estado (primeiro está o Rio de Janeiro com 1395 cursos e em segundo Niterói com 199). Macaé aparece com 55 cursos de nível superior, o que indica a importância dessas cidades para o Norte Fluminense, o sul do Espírito Santo e também o Noroeste de Minas Gerais em termos de serviços de educação de ensino superior, especialmente de Campos dos Goytacazes (Mapa 02).

Mapa 02: Cursos de Nível Superior no Estado do Rio de Janeiro - 2012



Fonte: Dados: IBGE e INEP; Elaboração da autora, 2015.

Os dados sobre saúde e educação são indicativos do papel regional das cidades de Campos e Macaé, que foram estabelecidos ao longo do tempo. Campos destaca-se por sua forte centralidade regional gerado no passado pela presença da elite regional decorrente da monocultura de cana e gerou também necessidades de serviços, em especial os serviços educacionais e de saúde. No período atual, novas elites chegam à cidade, especialmente as vinculadas à construção do Porto do Açu e da elite dos profissionais vinculados ao petróleo. Os dados referem-se mais a um papel dessas cidades em uma hierarquia urbana, mas que é atravessada por outros elementos, de ordem global, nacional e regional, que mudam a dinâmica dessas cidades.

A complexidade da divisão social e territorial do trabalho corroboraram a redefinição da centralidade das cidades na dinâmica territorial, as cidades médias agregam novos papéis na rede urbana, sendo o consumo importante nessa redefinição. Campos dos Goytacazes e Macaé, hoje apresentam-se como cidades complementares com relação ao fornecimento de serviços e alguns comércios, mas ao mesmo tempo, Macaé passa a concorrer com Campos sob alguns aspectos, pois passa a atrair maiores fluxos de população em função de abrigar grande parte das materialidades da etapa da extração de petróleo. Em função dessa especialização territorial, a cidade de Macaé passa a ter uma população com elevados rendimentos, população vinculada diretamente à indústria do petróleo. Essa mesma população é exigente de determinados consumos. Assim como, a indústria do petróleo é exigente por serviços especializados, consumo produtivo e consumo consultivo são responsáveis pela mudança do papel de Macaé na rede urbana fluminense.

Macaé tem uma renda média de R$ 1.815,26 nas atividades em geral e uma renda de R$ 4.541,85 nas atividades de exploração e extração de petróleo[4] produz uma cidade com circuitos do consumo e de acesso à moradia bem distintos. Esse é um aspecto significativo na organização da economia urbana que gera uma cidade territorialmente desigual. As altas rendas (relativas) provocaram na cidade o aumento do custo de vida, em especial, o acesso à moradia. Houve uma enorme valorização dos bairros próximos à Lagoa e à praia de Cavaleiros. Além dos bairros com melhor infraestrutura que passaram a ser ocupados pela população com maior renda, causando a expulsão da população com menores rendas para as periferias da cidade ou para municípios vizinhos, como é o caso de Rio das Ostras, que vem recepcionando população que trabalha em Macaé.

A economia urbana também vai sendo desenhada com o surgimento de *shoppings*, circuito de restaurantes e o surgimento de condomínios de alto padrão como os da rede Alphaville. Além disso, Macaé vem recepcionando grandes redes de hotéis nacionais e internacionais que atendem, sobretudo funcionários e executivos das grandes empresas do petróleo[5]. Ao mesmo tempo, a população que trabalha como terceirizada ou prestando serviços ocasionais, gera uma rede de comércio de alimentos, rede de pousadas e pensões uma infinidade de serviços e comércios de pequena dimensão na cidade para atender as necessidades de consumo desta população, gerando uma economia urbana do *circuito inferior* (SANTOS, 2004; SILVEIRA, 2007). Outrossim, essa população também vai consumir no *circuito superior* de Macaé, porém de forma mais restrita e via financiamento.

Campos abriga pouca infraestrutura relacionada ao circuito espacial produtivo do petróleo. O destaque de Campos ocorre por receber *royalties* e participações especiais, sobretudo desse último (Tabela 03). Em função das regras aplicadas na distribuição dessas compensações, Campos acabou sendo considerada uma "Cidade do Petróleo", embora não apresente uma paisagem, cujo conteúdo revela a presença do petróleo como centro

[4] Dados extraídos do banco de dados RAIS-CAGED do ministério do Trabalho. Disponível em < http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php >, acesso em 08 de janeiro de 2015.

[5] Pesquisa de Iniciação Científica de Luiz Otávio de Moura Barbosa: "O circuito espacial do petróleo e a rede hoteleira de Macaé", PIBIC-UFF (2015-2016).

de sua economia e vida social, como Macaé. Contudo, os elevados repasses decorrentes da extração na Bacia de Campos transformaram Campos dos Goytacazes em um município *petrorrentista* conforme apontaram Serra, Terra e Pontes (2006), sem que isso significasse desenvolvimento socioespacial.

Tabela 03: Municípios que mais recebem *royalties* e Participações Especiais no Rio de Janeiro - 2013

Posição	Municípios	Royalties	%	Participações Especipações Especiais	%
1	Campos dos Goytacazes	630.384.833,20	11,78	672.888.138,30	43,20
2	Cabo Frio	186.552.816,40	3,49	143.327.143,80	9,20
3	Rio das Ostras	186.682.968,80	3,49	139.325.590,30	8,94
4	São João da Barra	107.493.237,50	2,01	121.295.978,60	7,79
5	Macaé	466.531.575,50	8,72	49.924.071,62	3,20
6	Maricá	102.961.250,50	1,92	49.188.444,80	3,16
7	Casimiro de Abreu	76.232.673,05	1,42	44.801.588,48	2,88
8	Niterói	95.174.814,06	1,78	43.301.865,83	2,78
9	Armação dos Búzios	62.054.799,40	1,16	22.065.018,16	1,42
10	Quissamã	85.684.414,46	1,60	9.053.502,55	0,58
11	Rio de Janeiro	89.958.097,29	1,68	8.026.939,85	0,52
12	Paraty	73.810.992,64	1,38	5.794.854,96	0,37
13	Carapebus	35.784.883,44	0,67	1.790.658,32	0,11
14	Arraial do Cabo	43.490.683,96	0,81	952.531,13	0,06
15	Angra dos Reis	72.117.985,56	1,35	0,00	0,00
16	Duque de Caxias	58.420.325,50	1,09	0,00	0,00
17	Magé	54.993.297,64	1,03	0,00	0,00
18	Guapimirim	51.276.792,62	0,96	0,00	0,00
19	Itaguaí	43.927.908,54	0,82	0,00	0,00
20	Cachoeiras de Macacu	40.461.101,95	0,76	0,00	0,00
Total		2.563.995.452,01	47,92	1.311.736.326,70	64,21

Fonte: Dados ANP, gerados pelo site *inforoyalties*; Organização da autora, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede urbana para Correa (2001) diz respeito ao conjunto de centros funcionalmente articulados, expressando as relações sociais. Entretanto, o autor sublinha que a escala geográfica é um elemento fundamental para as análises das redes urbanas, especialmente em um território continental como o Brasil. Como assinalamos, o estado do Rio de Janeiro não possui uma rede urbana densa. Na verdade, há uma enorme concentração de população e atividades econômicas na cidade do Rio de Janeiro e parte na Região Metropolitana e a formação de pequenas cidades no estado, excetuando as cidades do Vale do Paraíba, com forte influência de São Paulo e da presença do eixo industrial ao longo da Via Dutra (BR-116). O Norte e o Noroeste Fluminense não conheceram a formação de cidades médias que

perdurariam ao longo do tempo, exceção de Campos dos Goytacazes, que se tornou uma cidade média em função da sua centralidade no comércio e nos serviços, especialmente nos ramos da educação e de ensino, e mais recentemente abrigando redes de lojas e franquias nacionais e internacionais.

O período recente, com a expansão das atividades do circuito espacial de produção do petróleo no estado do Rio de Janeiro, a rede urbana vem apresentando novas dinâmicas, como o fortalecimento da centralidade urbana de Macaé, que abriga alguns serviços inexistentes em Campos dos Goytacazes, gerados em função da especialização produtiva da primeira cidade. Outrossim, o período da globalização, afeta a rede urbana, mas fica claro que Macaé, apesar de abrigar as materialidades das etapas de extração, não é um centro produtor de informação. Dessa forma, persistem "os lugares do mandar e os lugares do fazer": o Rio de Janeiro é o centro nacional de produção de informação da indústria petrolífera, outrossim, há cidades globais geradas pelo petróleo e que hoje constituem-se em centro mundiais de produção de informação desse circuito produtivo, onde concentram-se os centros decisórios técnicos, científicos e, sobretudo político da indústria do petróleo como Houston nos Estados Unidos.

Essa última constatação coloca Macaé como um lugar central nas operações de extração do petróleo, entretanto, profundamente vulnerável ao mercado do qual essa cidade não tem poder de regular, a especialização produtiva dá origem a sua centralidade, mas também a sua vulnerabilidade, conforme vem apontando os problemas gerados pela redução do preço do petróleo na atual conjuntura.

A outra constatação é sobre o espaço interno dessas cidades: os vultuosos repasses orçamentários não significaram a melhoria das condições de vida da população e a cidadania nestes lugares, em determinadas situações, piorou as condições de vida da população pobre do ponto de vista do espaço urbano, como a forte periferização decorrente das políticas habitacionais de Estado (Federal e municipal). Campos dos Goytacazes com um projeto de criação de conjuntos habitacionais nas periferias da cidade, Projeto Morar Feliz, e Macaé com a expansão de favelas e de conjuntos habitacionais vinculados ao Programa Minha Casa Minha Vida do governo federal.

O circuito espacial de produção do petróleo e, seu respectivo círculo de cooperação, são responsáveis pelas mudanças recentes da rede urbana do Rio de Janeiro, entretanto, as contradições sociais e a desigualdade se aprofundam no espaço intra-urbano das cidades onde as etapas produtivas e as compensações financeiras são mais intensas. Ao que tudo indica já é tempo de superar as ideologias do desenvolvimento econômico e avançar sobre as reflexões sobre a associações entre as elites políticas locais e regionais com o processo de globalização, pois os problemas das cidades no Brasil, vão além da necessidade de atrair empresas e não se tratam de problemas econômicos.

A especialização produtiva em um ramo altamente globalizado trouxe para o estado do Rio de Janeiro um dinamismo efêmero que sujeita a população ao mercado global, mas não

sem a licença dos poderes locais para que isso ocorra. As *verticalidades* encontram abrigo nas elites locais para sua realização. Dessa forma, a superação dos *espaços derivados*, passa pela superação da visão imediatista das elites locais e regionais que se associam aos interesses dos agentes globais. O que coloca uma questão central sobre as cidades desiguais, é que não se trata apenas de escassez de recursos econômicos, pois os orçamentos nestes municípios são elevados, mas sim da escassez de um sentido de coletividade do pensar e do fazer dessas cidades para todos.

REFERÊNCIAS

BARRIOS, Sonia. Dinamica social y espacio. In: **MORVEN: Metodologia para el diagnostico regional.** IX Curso de Posgrado em planificacion del desarollo, asignatura: Teoria Social, enero, 1980. pp. 1-27.

BARRIOS, Sonia, OLAVARRÍA, Leopoldo Martínez, SAFAR, Margarita. Problemas urbanos y políticas urbanas em países exportadores de petróleo: el caso del Área Metropolitana de Caracas. In: **JRP Series**, Tokio, Institute of Developing Economies, nº 50, 1980. Tomado de CEDIPLAN-CENDES, UCV. Traducción al castellano por Sonia Barrios. pp. 33-111.

BECKER, Olga. O trabalhador na atividade canavieira do Norte Fluminense: uma categoria em transformação. In: BERNARDES, Júlia Adão & SILVA, Catia Antonia da (org.). **Modernização e Território: entre o passado e o presente do Norte Fluminense.** Rio de Janeiro: Lamparina, CAPES, 2014. p. 77-92.

Corrêa, Roberto Lobato. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. In: **Encontro Nacional da ANPUR**, 9, Anais... Rio de Janeiro, 2001.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CRESPO, Nelson. Campos dos Goytacazes perde a corrida do Petroleo. In: PIQUET, Rosélia (org.). **Petróleo, Royalties e Região**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. pp. 239-256.

CRUZ, José Luís Vianna da. Origem, natureza e persistência das desigualdades sociais no Norte Fluminense. In: TOTTI, Maria Eugência Ferreira, CARVALHO, Ailton de. **A formação histórica e econômica do Norte Fluminense**, Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense entre 1970 e 2000**. Tese (Doutorado) - IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003

DAVIDOVICH, Fany. Metrópole e território: metropolização do espaço no Rio de Janeiro. In: **Cadernos Metrópole,** n. 6, pp. 67-78, 2º sem. 2001.

DEFONTAINES, Pierre. Como se constitui no Brasil a Rede das cidades. In: **Boletim Geográfico**, ano II, n. 14 e 15, maio-junho de 1944.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. Mudanças no preço do solo e desigualdades socioespaciais urbanas na capital do petróleo (Macaé-RJ): 1981-2011). In: LEITE, Adriana Filgueira e GOMES, Marcos Antônio Silvestre (orgs). **Dinâmica Ambiental e produção do espaço urbano e regional no Norte Fluminense.** Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia Editora, 2013.

HILL, Richard Child and FEAGIN, Joe R. Detroid and Houston: two citiesin Global Perspective. In: BRENNER, Neil and KEIL, Roger (ed.) **The Global Cities Reader**. London and New York: Routledge, 2006. p. 154-160.

IPEA, IBGE, UNICAMP. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil**. Brasília, IPEA, Rio de Janeiro, IBGE, Campinas, UNICAMP/IE/NESUR. 2 v. Coleção Pesquisas, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. "Los circuitos espaciales de la producción y los círculos de cooperación en el espacio." In: **Aportes para el estudio del espacio socio-economico** III. Yanes, L. e Liberali, A. M., (orgs.). Buenos Aires, El Coloquio, 1991. p.153-177.

PIQUET, Rosélia(org.). Da Cana ao petróleo: uma região em mudança. In: **Petróleo, Royalties e Região**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p.219-238.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Coleccin Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autnoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p. 117-142.

RODRIGUEZ, N. e FEAGIN, J. Urban Specialization in the World System: an Investigation of Historical Cases. Em N. Brenner e R. Keil (eds.), **The Global Cities Reader**, London and New York: Routledge. p. 32-41.

SANTOS, Marcos Antonio; COSTA, Marta Bebianno e VASCONCELLOS, Lelia Mendes de. Rio de Janeiro: dinâmica urbano-regional do estado. In: PEREIRA, Rafael Henrique Moraes e FURTADO, Bernardo Alves (Orgs.) **Dinâmica Urbano-Regional - Rede Urbana e suas Interfaces**. Brasília: IPEA, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

_____. **Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: Hicitec, 1994.

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia de; SANTOS, Milton (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

_____. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, 1977.

SERRA, R.; TERRA, D.; PONTES, Carla. Os municípios petro-rentistas fluminenses: gênese e ameaças. **Revista Rio de Janeiro**, n. 18-19, jan.-dez. 2006. p.59-85.

SILVA, S. C. da. Globalização e o circuito espacial de produção petrolífero: as cidades da informação e as cidades da extração. In: **Encontro Nacional da ENANPEGE**, A diversidade da Geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação, 9 a 12 de Outubro de 2015, Presidente Prudente, 2015. p. 01-12.

SILVEIRA, María Laura. "Metrópolis brasileñas: un análisis de los circuitos de la economía urbana". **Revista Eure**,Vol. XXXIII, Nº 100,. Santiago de Chile, diciembre de 2007. p. 149-164.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltão. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo das cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 3, n. 5, 2006.

_____. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. Beltrão. **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: [s.n.], 2001. p. 609-643.